

INSTITUTO
 Documentação
 SOCIOAMBIENTAL
 Fonte JB
 Data 4/9/2000 Pg 10
 Class. 51

Ciência

ciencia@jb.com.br

Pantanal esconde segredos milenares

■ Arqueólogos identificaram mais de 200 sítios dos primitivos povos canoieiros que habitaram a região há 3.400 anos

DANIELLE NOGUEIRA

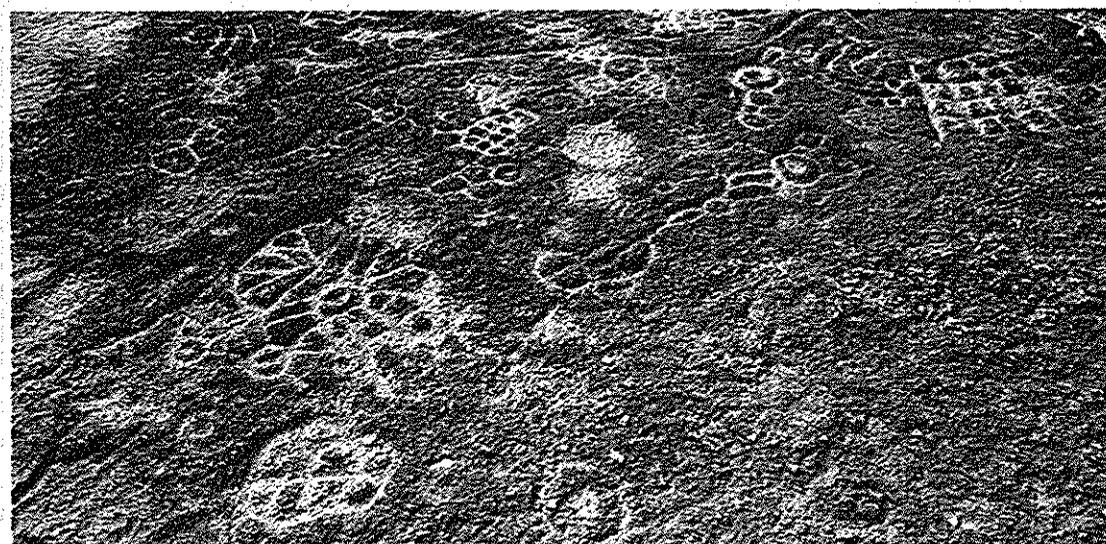
Turistas encantados pela beleza natural do Pantanal mal sabem que a região esconde os segredos de alguns dos primeiros brasileiros. Guató, paiaguá e guaranis são alguns dos povos que habitaram a região há 3.400 anos, quando o território nacional era praticamente deserto. Atraídas pela abundância de alimentos nas terras alagadas do Pantanal, as tribos deixaram suas marcas ao longo do Rio Paraguai, nos mais de 200 sítios arqueológicos identificados pelo Projeto Corumbá, uma tentativa de resgatar a história dos povos canoieiros.

Entre as mais importantes descobertas do projeto, que será apresentado amanhã no Encontro Internacional de Integração Técnico-científica para o Desenvolvimento Sustentável do Cerrado e do Pantanal, em Corumbá (MS), estão 2.500 figuras e sulcos esculpidos em cinco lajedos na beira do Rio Paraguai. São 3.300 metros quadrados de rocha cobertos por círculos de até 50cm de diâmetro e formas triangulares e retangulares, além de pisadas humanas e de onças, algumas com até 5cm de profundidade.

Os pesquisadores das três universidades que integram o projeto – Unisinos (RS), UFMS e Instituto Anchieta de Pesquisa (RS) – acreditam que as figuras representem um mapa da área em que os povos viviam. “Há um grande sulco de cerca de 200 metros, que acreditamos ser o Rio Paraguai”, diz o coordenador do projeto, Pedro Ignácio Schimitz, da Unisinos. O arqueólogo supõe que os círculos encontrados em volta sejam os aterros, ilhas de terra que funcionavam como portos seguros para



Círculos de até 5cm de profundidade seriam as ilhas para onde os índios iam durante a cheia



As 2.500 figuras esculpidas em cinco lajedos de Corumbá representam o mapa do Pantanal

os índios nas épocas de cheia.

Dança – Para Schimitz, os desenhos não foram feitos por diversão. “Foi um investimento grande de tempo e de energia pa-

ra desenhar todas essas figuras. Provavelmente, os índios praticavam seus rituais na área dos lajedos. As diferentes direções para que são apontadas as pegadas de

onça sugerem passos de dança”, contou o pesquisador, que liderou as expedições arqueológicas em Corumbá e Ladário, entre 1990 e 1997, quando a primeira

Fotos de divulgação/Unisinos

Arte JB

Onde fica



etapa do projeto foi concluída.

Pelo menos seis tribos foram identificadas. Metade eram canoieiros. Em época de seca, entre julho e dezembro, viviam na beira dos rios e das lagoas. Quando vinham as chuvas e as águas dos rios se estendiam por mais cerca de 50km, os índios iam para o interior a bordo de canoas e se instalavam em pequenas ilhas de terra, um metro e meio acima do nível do rio e de até 60m de diâmetro. Por isso eram chamados de canoieiros.

Mortos – Como a cada cheia essas ilhas mudavam de lugar, utensílios e ossos de parentes mortos eram enterrados na beira do rio para onde os povos voltavam periodicamente. Foram encontrados cerca de 50 cemitérios ao longo do rio Paraguai. “Hoje nós fugimos da morte, mas os povos antigos queriam manter os

mortos por perto. Eram pessoas queridas que não queriam deixar para trás. Como não sabiam se voltariam para o mesmo aterro, embulhavam os ossos em esteiras e os levavam consigo para as áreas banhadas pelo rio onde os enterravam”, explica Schimitz.

Por viverem da caça e da coleta, as tribos não eram grandes, com poucos milhares de habitantes. Além de terem que lutar para conseguir alimento, tiveram que enfrentar os bandeirantes no século 18, que invadiram o interior do Brasil em busca de ouro. A corrida pelo ouro e a Guerra do Paraguai (1864 - 1870), quando os índios foram recrutados para as tropas brasileiras, foram as principais responsáveis pelo seu desaparecimento. Hoje, poucos sobreviventes dos guató, guaicuru e terena vivem em reservas no Mato Grosso do Sul.